



VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 08 a 10 novembro de 2011 - ISSN 2175-960X – Pg. 2486-2495

O IMPACTO DA DISCIPLINA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS ALUNOS DE LICENCIATURAS

CARINA LAYSE VIEIRA SANTIAGO¹ -UERJ
THIAGO CAEIRO DE MATTOS² -UERJ
EDICLÉA MASCARENHAS FERNANDES-UERJ

Introdução

Neste estudo analisaremos trabalhos finais desenvolvidos como requisito para a disciplina Prática Pedagógica em Educação Inclusiva. Os trabalhos denominados “Memoriais” consistem em textos discursivos onde os alunos expõem suas impressões quanto à matéria, às aulas e as relacionam com suas histórias de vida.

A Disciplina é obrigatória para os cursos de Licenciatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ desde 2006. Ela é oferecida todos os períodos e no período de 2011/2 temos seis turmas com aproximadamente 240 graduandos cursando a disciplina que atinge diversos cursos configurando um caráter interdisciplinar da turma.

Os Memoriais são formas livres de o aluno dar sua impressão particular da matéria que acabou de cursar. Nesses relatórios encontramos não só dissertações sobre o conteúdo das aulas, mas também, confissões, aprendizados, visões de mundo transformadas e recém-adquiridas. É uma maneira de incentivar a individualidade dos alunos que tem interesses diversos ao longo do curso. Não esquecendo o que diz a Declaração de Salamanca, que mesmo se referindo a crianças, é de suma importância a valorização das diferenças e semelhanças que existem entre nós.

Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades. (UNESCO 1994)

Por ser um trabalho individual e livre, torna-se um tanto pessoal e reflexivo, o que nos permite ter uma visão transparente do que o aluno considerou importante neste momento acadêmico; razão pela qual escolhemos usá-los em nossa pesquisa. Seria a melhor maneira de verificarmos a real eficácia de todo o trabalho que a docente e sua equipe de monitores se empenham em exercer com os graduandos.

O impacto que a disciplina tem na formação dos futuros professores, bem como a influência que tais experiências têm na formação destes cidadãos, pode ser observado

¹ Graduanda de Letras. Inglês-Literaturas. Bolsista de monitoria da disciplina Prática Pedagógica em Educação Inclusiva Endereço: R Bom Pastor 43, apt 407 Tijuca RJ CEP 20521-060 Email: carinavsantiago@gmail.com

² Graduando de Matemática. Bolsista de monitoria da disciplina Prática Pedagógica em Educação Inclusiva Endereço: R Pinto Teles 858 Praça Seca RJ CEP 21341-270 Email: thiagocaeiro@yahoo.com.br

3- Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UERJ- Departamento de Educação Inclusiva e Continuada- Coordenadora da Disciplina Prática Pedagógica em Educação Inclusiva- Coordenadora do Núcleo de Educação Especial e Inclusiva

por meio dos Memoriais que analisamos. E os resultados se mostram esclarecedores e gratificantes para nós que trabalhamos para que os professores do amanhã estejam sempre rumo à capacitação.

A disciplina e as bolsas de monitoria são vinculadas ao NEEI (Núcleo de Educação Especial e Inclusiva), vinculado ao Departamento de Educação Inclusiva e Continuada, parte integrante da estrutura organizacional da Faculdade de Educação da UERJ. A finalidade desse Núcleo é promover o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre a temática da Educação Especial na perspectiva da inclusão de pessoas com deficiências e necessidades especiais.

As aulas de Prática Pedagógica em Educação Inclusiva fazem com que o aluno tenha acesso a leis importantes referentes á questão da pessoa com deficiência, tais como Lei Nº 1.793, de dezembro de 1994 e N.º 7.853 de 24 de outubro de 1989. É solicitado que os alunos leiam a Declaração de Salamanca, que é um pacto internacional de garantia de direitos a uma educação de qualidade para a parcela da população excluída do acesso igualitário aos sistemas de ensino, como é o caso de pessoas com deficiências e necessidades especiais, após a leitura abre-se um debate para exposição de opiniões e discussões sobre a mesma. Os alunos assistem a documentários e filmes que abordam a temática acerca da vida das pessoas com necessidades especiais.

Outro aspecto de destaque desse curso é a oportunidade dada para os alunos de assistirem uma aula de 1 hora e 40 minutos com a professora surda e intérprete de Libras. Os alunos também têm acesso a oficinas no NEEI e na sala de Tecnologia Assistiva da UERJ. Nessas oficinas os alunos são apresentados a recursos que outros alunos de Licenciaturas confeccionaram nos períodos anteriores e conhecem aparelhos e programas destinados a melhorar a comunicação dos deficientes.

Ao fim do curso é requerido que os graduandos apresentem um projeto ou um plano de aula interdisciplinar para uma turma inclusiva. Esse trabalho deve ser feito com alunos de Licenciaturas diferentes e o projeto final deve incluir de alguma maneira todas as áreas representadas em cada grupo. Isso proporciona para os alunos uma visão de que é possível praticar o que se aprende em aulas teóricas. A criatividade dos alunos é incentivada e os projetos sempre surpreendem a turma.

O trabalho em grupo também mostra para os futuros professores que o aprendizado pode ser melhor atingido se os professores tiverem no mesmo plano, com o mesmo intuito que seria a Educação. As Licenciaturas fazem uso de suas especificidades e entram em consenso para alcançar um bem maior. Ao fim do curso é requerido que os graduandos apresentem um projeto ou um plano de aula interdisciplinar para uma turma inclusiva. Esse trabalho deve ser feito com alunos de Licenciaturas diferentes e o projeto final deve incluir de alguma maneira todas as áreas representadas em cada grupo. Isso proporciona para os alunos uma visão de que é possível praticar o que se aprende em aulas teóricas. A criatividade dos alunos é incentivada e os projetos sempre surpreendem a turma.

O trabalho em grupo também mostra para os futuros professores que o aprendizado pode ser melhor atingido se os professores tiverem no mesmo plano, com o mesmo intuito que seria a Educação. As Licenciaturas fazem uso de suas especificidades e entram em consenso para alcançar um bem maior.

Metodologia

Este trabalho tem como objetivo verificar a importância da Disciplina Prática Pedagógica em Educação Inclusiva por meio dos Memoriais que se constituem como uma das etapas do processo de avaliação dos alunos durante a disciplina. Foram analisados 81 memoriais de alunos do primeiro período de 2011. A pesquisa aconteceu entre os dias 19 e 26 do mês de Agosto. Portanto, se constitui uma pesquisa quantitativa pelo número de dados levantados. E qualitativa pelo conteúdo analisado referente aos Memoriais. A metodologia do estudo foi quali-quantitativa. Utilizou-se um estudo de levantamento de categorias surgidas nos memoriais, que foram selecionadas, tabuladas quantitativamente e a seguir analisadas de forma qualitativa.

Para preservar a identidade dos alunos usaremos siglas no lugar de seus nomes caso façamos uso de citações.

Resultado

Ao lermos os Memoriais percebemos que determinados tópicos obtiveram certa frequência, então baseamos nossa pesquisa a partir dos tópicos mais recorrentes, são eles: opiniões sobre a Disciplina, sobre a aula ministrada pela professora de LIBRAS, as oficinas que os alunos participam, observações pessoais quanto ao indivíduo com deficiência e a assistência que eles recebem, sobre os temas Educação Inclusiva, Igualdade e Individualidade e quanto a própria capacitação como futuros professores.

Contabilizando a quantidade de memoriais que mencionavam tópicos importantes para este artigo obtivemos os seguintes resultados apresentados em Tópicos, Números de Memoriais que mencionaram o tópico e a porcentagem dessa quantidade em relação ao total de Relatórios verificados que apresentaremos a seguir:

Tópicos	Nº	%
SOBRE A DISCIPLINA	36	44,4
AULA DA PROFESSORA DE LIBRAS	22	23,2
OFICINAS	17	20,9

Tabela 1- Impressões sobre a Disciplina e as atividades que compõem o programa.

Ao analisarmos o resultado da Tabela 1 percebemos que 44% dos alunos discursam sobre a Disciplina e comentam sobre as matérias e como as aulas são conduzidas. Para comprovar o impacto que a aula ministrada por uma professora surda teve para os graduandos, quase 30% não deixou de mencioná-la em seus relatórios finais. E as oficinas que também aproximam os universitários da realidade do deficiente físico ou intelectual, provável aluno deste graduando no futuro, também são incluídas nos trabalhos com 20% de frequência.

Na tabela a seguir, vemos que 44% dos alunos relata um contato com pessoas com necessidades especiais. Ao se recordarem desse contato, alguns tem uma ideia clara de que o indivíduo com necessidades especiais a que se referiram não tinha assistência adequada para sua condição. Isso é referente a acessibilidade das ruas e escolas, meio

social em que vivia o indivíduo com deficiência ou a competência dos profissionais da educação responsáveis por esses indivíduos. Um total de 4,9% de alunos atendidos por esta pesquisa mostraram interesse em se especializar ou começaram um curso de LIBRAS ou Braile porque sentem que assim serão melhores profissionais.

Tópicos	Nº	%
CONTATO COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	36	44,4
ASSISTÊNCIA INADEQUADA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA	23	28,4
ASSISTÊNCIA ADEQUADA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA	06	7,4
INTERESSE EM ESPECIALIZAÇÃO	04	4,9

Tabela 2- Relação dos graduandos com indivíduos com deficiência

Na tabela a seguir observamos que uma parte dos alunos descreveu uma sólida concepção sobre o tema Educação Inclusiva. Também encontramos nesses e em outros Memoriais a nova visão dos graduandos quando abordam assuntos como a Igualdade entre os seres humanos e o respeito à individualidade. Quase 30% dos alunos manifestaram que se sentiam mais preparados para a futura vida docente.

Tópicos	Nº	%
IMPRESSÃO PESSOAL GERAL	09	11,1
IGUALDADE E INDIVIDUALIDADE	22	27,2
MAIS CAPAZES	24	29,6

Tabela 3- Percepção de impacto na futura vida docente

Discussão

Com base nos resultados acima, analisaremos agora os conteúdos dos Memoriais para melhor entendermos a relação entre os resultados. Dessa maneira alcançaremos o objetivo deste trabalho.

Primeiramente, as aulas de Prática Pedagógica em Educação Inclusiva são oferecidas de maneira oral com ciclo de debates e sempre contam com o auxílio de slides. Dando mais foco a atenção do aluno e, assim, ele pode acompanhar o conteúdo de modo mais acurado conforme lhe é oferecido.

Os conteúdos das aulas são sempre debatidos e são compostos pela legislação que dá suporte a Educação Inclusiva e algumas deficiências e suas características principais. Em sala os debates são sempre baseados na realidade do nosso país, o que geralmente encadeia assuntos polêmicos e atuais acerca da educação brasileira.

A maneira como a aula é conduzida pela professora é mencionada como um ponto positivo nos Memoriais que pesquisamos. Como observamos nessa citação de uma das alunas:

“Mesmo no meio da licenciatura são poucos os professores que se habilitam a falar de uma situação escolar que inclua um aluno com algum tipo de deficiência... Com esta disciplina pude ver, finalmente, esta questão sendo debatida no meio acadêmico e esclarecida para os alunos” (Depoimento de V).

O segundo ponto que é muito mencionado nos Memoriais é o fato dos alunos terem acesso ao NEEI. Neste espaço estão arquivadas as mais variadas adaptações que são modificações feitas no currículo pelo professor, favorecendo a participação do aluno com necessidades educacionais especiais no processo de ensino/aprendizagem em sala de aula, elas podem ser realizadas na acessibilidade, nos objetivos, nos conteúdos, nas metodologias e na organização didática. Este seria o primeiro contato que a maior parte dos alunos tem com adaptações para sala de aula. Então eles percebem que esse tipo de trabalho não é impossível de ser executado. Primeiramente porque as adaptações são na grande maioria confeccionadas com materiais reciclados e, segundo, porque lhes é explicado que todas as adaptações ali arquivadas e catalogadas foram feitas por graduandos como eles em períodos anteriores.

Os alunos se interessam pelas adaptações mesmo não tendo nenhum tipo de deficiência. O que os remete as primeiras discussões em sala de aula que tem por base questionar quem são os excluídos e excludentes na Educação do País. Quando eles se sentem encantados por um recurso feito com criatividade e consciência, podem concluir que todos os alunos aprenderiam mais se os conteúdos de sala de aula cruzassem a barreira que existe entre o que se aprende na escola e o que se vive diariamente.

Outra descoberta para a maior parte dos alunos das turmas investigadas é o conhecimento da Sala de Tecnologia Assistiva da UERJ. Nesse local os alunos podem conhecer ferramentas que auxiliam a comunicação de cegos e outros indivíduos com necessidades especiais. Saber que existem recursos que a serem adotados para melhor ensinar os alunos com deficiência visual parece ser de grande importância para os alunos que falaram dessa experiência. Como vemos no trecho de um dos Memoriais.

“Neste verdadeiro laboratório de educação inclusiva, tive contato, pela primeira vez, com objetos até então desconhecidos: a Reglete, a máquina de escrever e a impressora, equipamentos adaptados para o método braile e o sistema de computador DOSVOX, elaborado para deficientes auditivos. De forma prática, pude perceber que existem muitos meios que podem auxiliar na inclusão dos alunos com deficiência.” (Depoimento de B).

Para os futuros professores é interessante saber que existem recursos para facilitar as aulas e oferecer oportunidades para seus futuros alunos. Como disse um dos graduandos:

“...a visita à sala que possui inúmeros recursos que contribuem para uma educação inclusiva, como programas que podem ser utilizados para cegos e impressora que imprime em Braile, possibilitou que eu percebesse que existem recursos e eu tenho que lutar para que meus alunos tenham acesso a eles.” (Depoimento de F).

Colocar o conteúdo teórico em prática sempre que possível parece ser algo que os alunos dão muito valor. Nos Memoriais em que a aula da palestrante surda é mencionada os alunos geralmente mostram surpresa e espanto por ter em sala uma professora surda. Como podemos ver nos extratos abaixo:

“Outro ponto importante deste curso foi a palestra de uma deficiente auditiva (com a devida intérprete) sobre a sua situação. Desta forma, tivemos um contato direto com o ‘objeto de estudo’ e tornou-se mais claro ainda tudo o que havíamos discutido nas aulas até então.” (Depoimento de S).

“Também foi muito importante a professora ter estabelecido um contato direto entre uma representante da comunidade surda e a turma. Essa representante, auxiliada por uma intérprete, abordou sua experiência com a surdez de uma forma ao mesmo tempo pessoal e com conteúdo e trouxe a nós, alunos, uma nova perspectiva sobre a questão, uma perspectiva interna. A aula foi dinâmica e divertida e no final ainda fomos contemplados com um batizado especial, no qual ganhamos nomes na língua de sinais” (Depoimento de M).

No início da aula a professora surda ela pede que a intérprete saia de sala e deixe os alunos e a Professora sozinhos. Nesse momento ela continua a usar LIBRAS para dar sua aula. Fica claro no rosto dos alunos a aflição que é tentar entender o que a Professora quer ensinar e não conseguir decifrar uma palavra. Depois de alguns instantes, a intérprete é chamada de volta pra sala. E então interpreta a pergunta da Professora: *“O que vocês estavam sentindo enquanto estávamos sem o auxílio da intérprete?”* É escrito no quadro palavras ditas pelos alunos, por exemplo: Dúvida, Angústia e Frustração. Depois de uma longa lista de sentimentos nada agradáveis a Professora sinaliza para a turma e a interpretação que se ouve é: *“É assim que o aluno surdo se sente em uma sala regular sem intérprete.”*

Essa abordagem do tema da importância da LIBRAS para a comunidade surda faz não só com que o graduando entenda que LIBRAS é uma língua diferente do Português e deve ser valorizada, mas, são postos no lugar do surdo. Isso é tão importante para a vida docente desses futuros professores quanto para a vida de cidadãos que sentiram na pele, mesmo que por apenas um ou dois minutos, como é importante a presença de um intérprete na sala de aula frequentada por surdos.

Esse choque é, provavelmente, o motivo pelo qual a experiência é mencionada em 23% dos Memoriais. E alguns alunos declararam estar em busca de cursos de LIBRAS e outros já estavam cursando ao fim do período.

A Disciplina é considerada por alguns alunos como *“divisora de águas”*. Muitos desses alunos dizem ver os deficientes de uma nova maneira. E dizem terem deixado para trás o sentimento de pena que tinham em relação a qualquer tipo de indivíduos com necessidades especiais.

Podemos passar para a análise dos outros tópicos relacionados ao contato que os graduandos de licenciaturas de nossa faculdade tiveram ou têm com pessoas com necessidades especiais.

Os dados coletados por meio dos memoriais nos provam que as pessoas com deficiência estão ativamente presentes em nossa sociedade. A maioria dos relatos, infelizmente, não menciona antigos colegas de classe com necessidades especiais mas, revela familiares com determinada deficiência, geralmente causada pela idade ou por acidentes.

Não podemos deixar de citar que alguns desses alunos se sentem confortáveis o bastante para escrever em seus Memoriais que são portadores de alguma síndrome ou distúrbio e

explicam suas experiências com suas condições e contam a importância de estar em um local comprometido com a Educação aberto para essa temática e se mostram felizes por terem acesso a informações de outras condições que não conheciam.

Alguns dos alunos dizem ter tentado contato com indivíduos com necessidades especiais pela primeira vez com o intuito de conseguir material para discorrer no Memorial. E com esse contato também são observados os espaços físicos frequentados por esses indivíduos, sejam escolas, ruas ou as casas onde moram. O meio social e os profissionais responsáveis pela pessoa com necessidades especiais também são assuntos frequentes nos relatórios lidos.

A atenção maior é sempre dada para o meio escolar. Os graduandos que já estão praticando estágio de observação voltam seus olhares para a estrutura das escolas. Se esses estabelecimentos são ou não adaptados para receber todas as crianças e adolescentes que desejarem se matricular. Situações em sala de aula que poderiam ser melhor guiadas e professores que não tem preparo ou não sabem como ajudar o aluno com necessidades especiais.

Infelizmente os casos em que o deficiente foi ignorado, desrespeitado e até mesmo abusado são bem mais frequentes do que os casos em que o graduando reconhece um trabalho de qualidade direcionado para turmas inclusivas ou especiais. O que vimos nos dados representados na Tabela 2, são quase 30% de frequência em contrapartida com aproximadamente 7% de relatos de experiências positivas relacionadas ao tratamento de indivíduos com diversas condições em nossa sociedade

Dentre as poucas observações dos graduandos que mostraram pessoas com necessidades especiais sendo realmente incluídos no seio da escola como alunos que tem os mesmos direitos como qualquer outra criança, pode-se notar que existe admiração da parte dos graduandos por saberem que existem instituições, escolas e pessoas comprometidas na causa da Educação Inclusiva.

Um dos relatos mais interessantes que tivemos acesso não falava de uma criança com necessidades especiais que estava sendo incluída em uma classe, mas sim de um professor deficiente visual que lecionava em uma classe regular. Ao lermos trechos do memorial de uma das alunas do professor em questão, percebemos a admiração pela figura do professor.

“...irei discorrer sobre uma experiência que ultrapassou a simplicidade educativa, foi uma lição de vida.

...chega o dia de sua primeira aula, este foi o momento de espanto geral da turma, nosso professor era deficiente visual, que logo se pôs a explicar-nos como seriam suas aulas, acho que nunca uma turma ficou tão atenta as instruções de aula,...

Um homem já com certa idade mas tomado de vivacidade, empenhado em lecionar as aulas de forma compromissada e brilhante. Este foi além de um simples professor, ele foi uma nova concepção de vida, perseverança, superação e admiração para todos nós que estudaram com ele. Ele não se incluiu mas, nos incluiu em um mundo de respeito e carinho para com os deficientes.”
(Depoimento de V).

No trecho da Declaração de Salamanca que citaremos a seguir vemos como é importante o contato do professor com o deficiente:

Um problema recorrente em sistemas educacionais, mesmo naqueles que provêem excelentes serviços para estudantes portadores de deficiências, refere-se a falta de modelos para tais estudantes. Alunos de educação especial requerem oportunidades de interagir com adultos portadores de deficiências que tenham obtido sucesso de forma que eles possam ter um padrão para seus próprios estilos de vida e aspirações com base em expectativas realistas. Além disso, alunos portadores de deficiências deveriam ser treinados e providos de exemplos de atribuição de poderes e liderança à deficiência de forma que eles possam auxiliar no modelamento de políticas que irão afetá-los futuramente. Sistemas educacionais deveriam, portanto, basear o recrutamento de professores e outros educadores que podem e deveriam buscar, para a educação de crianças especiais, o envolvimento de indivíduos portadores de deficiências que sejam bem sucedidos e que provenham da mesma região.(UNESCO 1994)

A convivência com o indivíduo com necessidades especiais é muito importante para a formação destes professores. É a chance de serem desenganados, usando o sentido mais literal da palavra, quanto a diversos tabus que ainda existem. É importante para nós saber que muitas dessas experiências relatadas nos trabalhos finais foram motivadas justamente pelo requisito da disciplina de Práticas Pedagógicas em Educação Inclusiva. Como já dissemos antes, colocar em prática tudo o que foi falado em sala apenas teoricamente é essencial para notarmos o verdadeiro aprendizado e a conscientização provocados nesses alunos. E no método de avaliação do curso o Memorial é um símbolo dessa tentativa de conscientização e prática da Inclusão de maneira individual. E alguns deles percebem isso, como vemos na citação abaixo:

“A própria proposta de elaboração de um memorial já demonstra uma preocupação por parte da professora de estimular o aluno a desenvolver uma postura pessoal e produtiva e não meramente reprodutiva acerca dos pontos abordados pela matéria, num processo de inclusão que convida o aluno a ter participação ativa nas questões” (Depoimento de M).

O número de casos que considera fazer algum tipo de especialização no futuro, ou já estava se especializando ao fim do curso, é pequeno mas significativo para a nossa pesquisa já que foi ao cursar a Disciplina que esses alunos puderam valorizar a língua de sinais e também o Braille, pois quando cursam as oficinas, descritas previamente neste artigo, recebem noções de como escrever em Braille fazendo uso de Reglete e Pulsão. E alguns dos grupos de alunos decidem fazer projetos de aulas para apresentarem ao fim do curso direcionadas a comunidade cega. Eles mesmos se propõem a fazer uso das ferramentas e do alfabeto em Braille. Nas citações a seguir veremos o impacto que esse conhecimento tem nas palavras de um dos alunos:

“Imaginei os cegos, não como cegos em um sentido negativo, mas como artistas, por assim dizer, que tem a possibilidade ímpar de ‘sentir’ o mundo através de um matiz totalmente diverso do das

“pessoas que tem a capacidade de visão ocular”
(Depoimento de F).

É importante saber que a disciplina foi chave para essas e outras descobertas e, por isso, pode-se considerar de suma importância na formação dos graduandos de licenciatura que passam por ela. Conforme a tabela 3 quase 30% dos alunos se sente de algum modo mais preparado para encarar a vida profissional. Muito provavelmente porque tiveram noções claras da realidade da nossa educação pelos temas trazidos para discussões em sala de aula. O tema Inclusão é questionado e reforçado em todas as aulas e por isso tivemos quase 10% dos alunos dedicando partes significativas de seus textos ao próprio conceito de Educação Inclusiva. Essa noção sólida que os alunos agora possuem juntamente com a visão de igualdade que partilham, reforçam o respeito à individualidade de todos, não só do deficiente.

Os graduandos frequentemente relatam que o novo olhar que adquiriram em relação ao aluno com deficiência, à educação e à cidadania atribui-se ao acesso a informação. E as aulas são justamente fontes de informações confiáveis sobre o tema Inclusão e o meio possível de mostrar aos alunos que o lado dos excluídos, por qualquer que seja o motivo, merece muita atenção para melhorar a realidade da sociedade.

Podemos observar tal argumento na citação que segue:

“A falta de conhecimento nos torna indiferentes e nessa ignorância somos vistos como arrogantes. O conhecimento é o único caminho para se quebrar e ultrapassar os preconceitos relacionados aos deficientes” (Depoimento de A).

“...posso afirmar com toda a certeza que a informação é o grande elemento para promovermos uma transformação em nossa sociedade e, a partir dela, tornar cada cidadão mais consciente e solidário” (Depoimento de V).

Mesmo que em média menos de 5% dos alunos queiram se especializar é imprescindível que percebamos a mudança no pensamento do futuro professor. E isso é o que faz toda a diferença, principalmente se considerarmos que foram falas espontâneas. Teremos no futuro professores que saberão procurar recursos para oferecer conhecimento de maneira democrática e igualitária para seus alunos. Depois de completar o curso de Práticas Pedagógicas em Educação Inclusiva podemos afirmar que os alunos têm uma base e estão no ponto de partida para uma Educação verdadeiramente para todos.

Conclusão

Conclui-se que o programa da disciplina Práticas Pedagógicas em Educação Inclusiva tem como resultado a formação de graduandos mais conscientizados. Os alunos tem acesso a informações e são convidados a experimentar e praticar o que é ensinado em sala de aula.

É nítido o esclarecimento que foi possível graças às aulas, seus conteúdos e suas prática. No trecho do artigo que fez parte do IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de

Educação Especial em 2007 que também abordava o assunto discutido neste trabalho podemos ver as impressões iniciais dos graduandos em relação a disciplina:

No início da disciplina os relatos expressos pelos alunos revelaram que estes, em sua maioria, não conheciam o conceito de inclusão e não imaginavam como seria ter em sua sala de aula alunos com necessidades educativas especiais. Alguns alunos, porém, relataram que apesar das dificuldades, acreditavam em uma educação não apenas “para” todos, mas em uma educação “com” todos. (FERNANDES; SILVA; ORRICO; REDIG, 2007):

Quando tirados das zonas de conforto individuais, se deparam com inúmeras questões que estão longe de serem resolvidas mas, também conhecem as ferramentas que podem ser usadas na busca de soluções eficazes para tais questões.

Saber que parte dos graduandos se interessa por especialização é relevante mas o resultado geral dos que tiveram suas visões de mundo afetadas pelas aulas é muito mais importante, visto que em sua maioria buscam a carreira de professores.

Por vezes, professores que lecionam há anos abordam o assunto de Educação Inclusiva conosco, monitores da Disciplina, porque as escolas onde trabalham estão recentemente adotando o sistema de Inclusão. O que temos ouvido é que na época em que se formaram não tiveram nenhuma instrução, aula ou curso que seja sobre a temática. E agora se perguntam por onde começar.

Com este trabalho sabemos que os alunos participantes dessa Disciplina já não se farão a mesma pergunta se caso vierem a lecionar em classes inclusivas. A eles foi dada orientação e oportunidade de se aproximar da comunidade deficiente. Sempre levando em conta a individualidade de cada aluno e de cada ser humano seja ela deficiente ou não.

Referências Bibliográficas:

UNESCO. *Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais*. 1994. Disponível no site www.mec.gov.br.

Portaria 1793 de dezembro de 1994. Disponível no site www.mec.gov.br.

FERNANDES, E. M.; SILVA, A. C. F.; ORRICO, H.; REDIG, A. G.; FEIJÓ, G. A disciplina prática pedagógica em educação inclusiva no currículo das licenciaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: uma proposta de formação reflexiva. In: IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, ISBN 978-85-99643-11-2 Londrina, 2007.